

## Dossier temático: Perspectivando as Cantigas

Manuel Pedro Ferreira

**A**S *CANTIGAS DE SANTA MARIA* são um dos maiores monumentos da cultura medieval europeia. Trata-se de uma gigantesca colecção de canções devocionais em Galego-Português, louvando a Virgem Maria ou narrando milagres a ela atribuídos; a poesia e a música foram compostos ou recolhidos na corte castelhano-leonesa de Alfonso X, o Sábio, estabelecida em Sevilha. A notação pautada de quatro centenas de peças, distribuídas por três códices escritos entre, aproximadamente, 1270 e 1285, oferece um enorme repositório de informação sobre a prática musical da época, num contexto bem delimitado. Embora a situação seja excepcionalmente favorável para o estudo de uma época da qual sobreviveram poucos testemunhos de origem profana, este manancial de dados não tem atraído muitos musicólogos. Tal deve-se a vários factores, em particular o acesso inadequado e tardio às fontes; a língua utilizada; e o peso histórico, na musicologia europeia, dos paradigmas teórico-musicais parisienses, dos quais as cantigas ibéricas frequentemente se afastam, causando perplexidade.

No século XX, o discurso sobre as melodias das *Cantigas de Santa Maria* (*CSM*) foi inicialmente marcado por Julián Ribera, que reivindicou a sua natureza árabe. Esta posição foi refutada, entre outros, pelo musicólogo catalão Higiní Anglès, que implementou, na sua edição integral, um literalismo filológico apoiado quer no paradigma musical francês, quer nos ideais do nacionalismo folclorista espanhol. No final do século e inícios do seguinte alguns dos pressupostos da sua edição e compreensão do repertório foram postos em causa, e a tese de Ribera foi parcialmente reabilitada. Em ambos os aspectos, a musicologia portuguesa teve um papel decisivo. Embora os investigadores espanhóis se tenham destacado nos estudos iconográficos, desde há quinze anos que a investigação musicológica sobre as *CSM* tem vindo a centrar-se em Lisboa, no Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM/FCSH, Universidade Nova de Lisboa), enquanto o estudo filológico dos poemas, não obstante os contributos galegos, deve os seus maiores avanços ao *Centre for the Study of the Cantigas de Santa Maria* (Universidade de Oxford).

No que respeita a Lisboa, as raízes do seu actual papel remontam a 1984, ano em que comecei a estudar o repertório; na sequência de várias publicações e concursos para financiamento científico, em Outubro de 2004 pude dar início ao projecto «Confluências musicais na música de Alfonso X» (POCTI/EAT/38623/2001), que se prolongou até Julho de 2008. A equipa de investigadores limitou-se a mim próprio, enquanto responsável, e a Rui Araújo, assistente de investigação. No âmbito deste projecto, fez-se um exame descritivo completo de todas as versões manuscritas de toda e cada uma das *CSM*, face aos códices originais (examinados à lupa); criou-se para a totalidade do repertório uma transcrição digital de carácter diplomático, isto é, com a notação original, para permitir aos investigadores o acesso a todos os detalhes paleográficos não revelados pelos facsímiles disponíveis (manipulados, defeituosos ou limitados na sua fidelidade); concebeu-se uma base de dados (cujo desenvolvimento demorou mais do que o previsto, ficando plenamente funcional só a partir de 2011) em que podem ser pesquisados, com mínima mediação editorial, segmentos melódicos, intervalos ou figuras rítmicas patentes nos manuscritos das *CSM*; procedeu-se a uma recolha bibliográfica e à formação de um arquivo com a quase totalidade dos trabalhos publicados sobre a música das *CSM*; aprofundou-se a compreensão dos modelos e influências culturais que subjazem à respectiva composição melódica e rítmica; e promoveu-se o debate entre especialistas de diversas áreas, o que levou à realização, em 14 de Julho de 2007, de uma mesa-redonda internacional sobre a música das *CSM*.

O dossier temático que agora se apresenta na *Revista Portuguesa de Musicologia* nasceu desta mesa-redonda. Duas das comunicações então apresentadas (por Alison Campbell e Judith Cohen) foram recuperadas e revistas para publicação. O texto que subscrevo, lido em versão muito preliminar num colóquio internacional em Utrecht, em Julho de 2008, foi refeito e significativamente expandido para esta ocasião, incorporando novas observações; o artigo de origem mais recente, assinado por Stephen Parkinson, surgiu do colóquio internacional «Musical Exchanges, 1100-1650: The Circulation of Early Music in Europe and Overseas in Iberian and Iberian-Related Sources», realizado na região de Lisboa em Junho de 2012, no âmbito do projecto homónimo (PTDC/EAT-MMU/105624/2008). Este último projecto, que decorreu entre 2010 e 2013, incluiu uma vertente de investigação que permitiu a continuação do trabalho anteriormente em curso no CESEM sobre as *Cantigas de Santa Maria*.

A coerência do dossier aqui apresentado advém sobretudo da perspectiva transdisciplinar que presidiu à sua constituição, e não só do objecto de estudo. Encorajou-se o cruzamento de saberes e experiências, sem evitar os temas mais polémicos, como a ligação genética entre texto e música, a descontinuidade do discurso narrativo implicada pelo retorno de um refrão numa actuação ao vivo, ou a relação entre a notação, a audição e a execução musical. Campbell reconsidera a relação entre texto e música, propondo que a sua solidariedade, inerente à canção, antecede uma hipotética fase

final de compilação da colecção a partir de processos separados. Parkinson explora os casos de má combinação entre texto e música, procurando provar, pelo contrário, que estes eram frequentemente conjugados numa fase adiantada da produção manuscrita. Cohen contribui com a perspectiva crítica de um intérprete informado pela Etnomusicologia, interrogando as condições presentes e passadas da actuação musical, sem deixar de lançar algumas farpas a posições consagradas pela opinião académica ou, ao invés, pelo mercado. No meu próprio texto, repensa-se a relação entre notação e facto musical, propondo-se, na base de casos concretos, que a convenção rítmica seguida pelos copistas não pressupõe uma unidade de tempo invariável, pelo que são de admitir na edição musical das *CSM* soluções muito mais variadas do que aquelas que decorrem dos métodos de transcrição habituais.

Este conjunto de artigos aparece passados trinta anos sobre a minha primeira intervenção pública sobre as *Cantigas de Santa Maria*, rascunhada da noite para o dia num quarto de hotel em Madrid; e, por feliz circunstância, também no momento em que o mais precioso dos manuscritos musicais alfonsinos, o célebre «códice rico» do Real Mosteiro do Escorial, se encontra temporariamente exposto na Fundação Calouste Gulbenkian, à Avenida de Berna. Trezentos metros mais abaixo, no CESEM, o trabalho sobre as suas melodias prossegue de forma sistemática há já uma década, conferindo a essa presença um involuntário, mas indubitável merecimento.

